

CELEBRAR UM CARISMA A PARTIR DA ALTERIDADE*

Celebrar a festa de Fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas e o aniversário de Carlos Borromeo é fazer memória de um passado fecundo de serviço ao resgate da dignidade humana, trazendo à tona nos exercícios, nos gestos e nas atitudes, os ideais de “humanismo” pelos quais se deixaram envolver e motivar São Carlos Borromeo, D.João Batista Scalabrini, Pe.José Marchetti e Madre Assunta Marchetti.

Movidos por um sentido extremo de responsabilidade pela alteridade, certos da presença epifânica de Deus nestes rostos marcados pelo tempo e pela história, convictos de que, fazer opção por Deus é optar “indistintamente” pelo ser humano e, com uma compaixão ainda maior por aqueles cuja dignidade e rosto foram desfigurados “no caminho” por causa da necessidade de sair da própria pátria.

Por isso, nesta data tão significativa na qual se faz memória do Patrono Carlos Borromeo e da Fundação da Congregação parece humana e espiritualmente saudável, ressaltar alguns elementos que ajudem a cada missionária a se manter “*no essencial*” como pessoa consagrada na Igreja, para a concretização do Reino de Deus. A história atual da humanidade com suas crises de valores, de crenças e de identidade humana, nos provoca e impulsiona a ser:

1. **Mulheres Consagradas “de desejo”** – desejo não como suprimento de uma necessidade imediata, mas desejo de saída de si, provocado pelo encontro com o outro, o qual se dá na palavra, no face-a-face, no olhar, no seu mistério infinito. É o desejo de saída de si sem retorno, mas estar sempre disposta à busca do Infinito manifestado no rosto do outro. Assim, toda ação, todo gesto impulsionará o “eu” para fora de si mesmo, sempre avante. O desejo sempre convoca para fora-de-si, provocando sempre a falta de algo como impulso movente de saída do Mesmo de si, que só se preenche na abertura ao outro. É esse desejo que causa a vontade de ser bom, de ser acolhedor, de dar a vida até o martírio, se preciso for, como resposta de responsabilidade.
2. **Mulheres Consagradas “de oração”** – no sentido de escutar Deus no diferente, tendo-o como espaço religioso, onde, a partir de um encontro sem pré-conceito, mas atento à sua invocação, se chega à essência do diálogo: a oração. Mas essa oração só se alcança se não torno o outro o meu objeto de prazer, de auto-satisfação, de dominação, de poder. A religião se dá, desta forma, no respeito ético pelo diferente e, conseqüentemente, como espaço religioso, o “*diferente*” se torna lugar de contemplação do Divino.
3. **Mulheres Consagradas “para a vida”** – Fazer valer a premissa bíblica do Antigo Testamento, palavra de Deus que se expressa no rosto do outro, na desproteção do seu olhar que indica o imperativo categórico para não deixá-lo ao relento: “não matarás”. O outro diante do eu, na sua nudez e na sua miséria, e sem defesa, me convoca a protegê-lo com a minha acolhida, a não deixa-lo só, a amá-lo como a mim mesmo, por fim, a entender a palavra de Deus escrita no seu semblante. No rosto do outro, está infundido este estatuto ético-bíblico: “não matarás”! Hitler, Mussolini, governos de nações, Inquisidores, não entenderam o que isso significa; muitos missionários(as) não compreendemos quando assassinamos o outro com nossa “indiferença”, com o preconceito, com a vontade de poder, com a falta de caridade. Graça de Deus é nada mais que essa dádiva da presença divina a todo instante à nossa volta, através do “estranho-outro”.
4. **Mulheres Consagradas “para Deus”** – Ser mulher consagrada para Deus é ser capaz de amar o próximo a partir da capacidade de escutar o “não matarás” inscrito em seu rosto. Assumir responsabilidade pela vida do outro é submissão à alteridade, a qual se torna assim o nome mais severo do amor. Submeter-se ao outro a ponto de morrer por Ele.

Oxalá, esses elementos, a partir de hoje, tornassem a cada missionária, mais humana, mais defensora dos direitos das pessoas, mais aberta às relações, à acolhida sincera e humilde ao outro (outro é todo aquele que está fora do meu eu), ao respeito pela dignidade dos povos com suas diferentes riquezas culturais, à prática da fraternidade e da justiça: isto é, à realização do Reinado de Deus entre nós. Só assim terá sentido celebrar São Carlos e a Fundação da Instituição, instaurada na história para o serviço ao outro, à alteridade. Que Carisma mais divino!!!

* A presente reflexão foi elaborada por **Ir. Rosa Maria Martins Silva, mscs**, em um plano de ação integrado entre o CSEM e a colaboração das Irmãs da Congregação MSCS.